

Comunicação Pública Na Valorização Da Cultura Local: Uma Análise Da Cidade De Paraty.¹

Ana Beatriz Abud De Faria²
Faculdade Metropolitana de Campinas

Resumo: O artigo destaca a importância da valorização da cultura local. Aborda questões de intervenção cultural, bem como o papel da globalização neste contexto, que aumentou o fluxo de identidades culturais distintas nos locais. Elege a cidade histórica de Paraty, como paradigma da análise, por se tratar de um local que atrai grande número de turistas e indivíduos interessados nas possibilidades de mercado, tornando-a mais vulnerável às interferências culturais. Considera necessária a compreensão dos valores que compõe a cultura local, para que não haja descaracterização ou desvirtuamento. Para tanto, um espaço para o diálogo entre sociedade e poder público é indispensável. Por fim, demonstra a necessidade do trabalho de Comunicação Pública na função de criar um espaço de diálogo e valorização da cultura local, por meio de ouvidorias municipais.

Palavras-chaves: 1- Cultura; 2- Cidade de Paraty; 3- Comunicação Pública.

1. Introdução

A cultura é o fator que dá unidade a uma sociedade permitindo que a reunião dos elementos que a compõem tornem-se retrato do meio social.

A relação íntima que a cultura estabelece com a geografia, promove universos culturais distintos, pois cada local demanda formas específicas de envolvimento com o seu meio, conferindo à cultura, nas suas diferentes concepções, uma espacialidade própria e, consequentemente tornando-a identidade do local onde esta presente.

À medida que as evoluções sociais incidem sobre costumes e capacidades, as tradições se reformulam e a cultura passa a ser transmitida de acordo com o novo contexto. Roque de Barros Laraia em seu livro “Cultura Um Conceito Antropológico”(1993), descreve um ritual xinguano, fotografado em 1964 e que, posteriormente comparado a um desenho de Von den Steinen feito oitenta anos antes, levava a constatação que nenhuma mudança havia ocorrido naquela sociedade, tal a identidade dos dois documentos. No

¹ Trabalho apresentado à Sessão de Temas Livres

² Graduada em Relações Públicas pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUCCAMP, Pós-Graduada em Comunicação Pública pela Faculdade Metropolitana de Campinas – METROCAMP, orientada pela Professora Doutora Maria José da Costa Oliveira, e-mail: abaf_@hotmail.com.

entanto, uma análise mais consistente, aponta que transformações ocorreram, pois o homem possui a capacidade de questionar e modificar seu ambiente. Por mais lento que este processo possa ser para algumas sociedades, ele permite uma dinâmica cultural.

Considerando que o processo de dinâmica cultural se realiza pelo fato de que os indivíduos e os locais não são imutáveis, também é necessário atentar para as formas de intervenção cultural que potencializam e aceleram o processo. A guerra, a colonização, a imigração e a migração, ao longo da história das civilizações, foram as formas clássicas que aproximaram elementos culturais distintos e promoveram novas assimilações. Atualmente, a globalização cumpre o papel de ampliar o espaço em que novos contatos e relações se estabelecem (Cesnik e Beltrame, 2005).

Reconhecendo a importância que a cultura exerce em uma sociedade, este artigo esta concebido como uma análise que objetiva avaliar a natureza e a qualidade da dinâmica cultural local, promovida pela globalização e traz como questão o papel da Comunicação Pública na valorização da cultura local. Para tanto, as informações contidas no artigo resultam de um trabalho de pesquisa de campo sobre a situação da cultura na cidade histórica de Paraty, eleita por se tratar de um local para onde convergem identidades culturais distintas e por possuir uma grande circulação de indivíduos e produtos de outras localidades. A hipótese que se pretende desenvolver, a partir de algumas constatações que serão colocadas no seu devido tempo, tem como premissa a valorização da cultura local, por meio da compreensão dos valores presentes e de um trabalho com o *ethos* local, facilitado pelo uso de canais que a Comunicação Pública oferece.

2. Cultura e Globalização

Em 1755 e 1757, o filósofo Rousseau levantou uma discussão sobre o teatro em Genebra, através da famosa *Lettre à Mr. D' Ambert*³. Considerava que o teatro por se tratar de um espetáculo de inspiração cosmopolita e portanto um “divertimento estrangeiro” era capaz de “fazer perder o sentido de virtude coletiva”. Mesmo no Brasil, intelectuais e

³ ROUSSEAU, Jean-Jacques citado por FORTUNA, Carlos; SILVA, A. S. A Cidade do lado da Cultura: Espacialidades Sociais e Modalidades de Intermediação Cultural. In: SANTOS, B. S. (Org.): *A Globalização e as Ciências Sociais*. 2 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2002, p. 419.

artistas procuraram criar um espaço para o questionamento e discussão sobre a assimilação do estrangeirismo que a nossa cultura absorve, menosprezando a cultura popular. Mário de Andrade na década de 40, iniciou este trabalho de resgate da cultura popular pesquisando e catalogando ritmos dos diversos locais do país, criando um acervo musical.

A existência de discussões que atentam para a necessidade de preservação e valorização, resultam de um entendimento de que a cultura local funciona como uma bússola, de acordo com Jean- Pierre Warnier (Warnier,2000) e portanto deve ser entendida como um patrimônio. E que influências de outras localidades são bem vindas desde que as oportunidades de diversidade criadas não desvirtuem os locais. Não se trata, de acordo com Ricard Sennett (1978), de uma rejeição frontal a cultura global e a glorificação da festa popular, marcada por uma ideologia moralista combinada com um forte sentimento de nostalgia.

O cenário atual, coloca em pauta não apenas a preocupação da preservação da identidade cultural de um local e a sua descaracterização, mas, também com a delapidação dos patrimônios culturais locais, resultante da livre circulação de produtos originários da cultura global.

O processo de globalização é acompanhado por um encurtamento das distâncias físicas, facilitando e agilizando o acesso às informações, potencializando uma mudança social. No plano cultural, o processo tende a “fragmentar a condição urbana”⁴, fazendo com que “muitas cidades percam centralidade cívica, pois que segmentos da sua população se encontram, como nunca, sujeitos a catalogações ameaçadoras da sua condição e vêm-se convertidos em estigmatizantes minorias étnicas e culturais, ou em (novos) pobres, reformados, inactivos ou delinquentes urbanos”⁵.

Também devemos considerar que a aproximação entre o local e o global, possibilita acesso à praticas que enriquecem a vida das pessoas, abrindo portas para oportunidades de diversidade e experimentação. Mas até que ponto esta experiência de mundo não transpõe

⁴ ZERUBAVEL, Eviatar citado por FORTUNA, Carlos; SILVA, A. S. A Cidade do lado da Cultura: Espacialidade Sociais e Modalidades de Intermediação Cultural. In: SANTOS, B. S.(Org.): *A Globalização e as Ciências Sociais*. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2002, p. 433.

⁵ CHAMBERS, Iain citado por FORTUNA, Carlos; SILVA, A. S. A Cidade do lado da Cultura: Espacialidade Sociais e Modalidades de Intermediação Cultural. In: SANTOS, B. S.(Org.): *A Globalização e as Ciências Sociais*. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2002, p. 531.

elementos culturais característicos? E até onde as novas assimilações vivificam os locais? Quando não existir um espaço para o diálogo, dotado de canais de comunicação que garantam uma compreensão dos diversos valores presentes nos públicos que se inter-relacionam em um local, corremos o risco de um “canibalismo cultural”⁶, e então, muito se perde em matéria de identidade e diversidade.

3. A Escolha Da Cidade De Paraty Como Paradigma Para Esta Análise

Paraty é hoje um ponto de atração para onde convergem turistas, artistas, artesões, comerciantes e várias outras pessoas com diferentes objetivos.

A história de Paraty remonta ao ano de 1600. O primeiro núcleo ocupava a margem esquerda do rio, onde foi erguida uma igreja em homenagem a São Roque. Quarenta anos depois, os colonizadores expulsaram os índios que viviam onde hoje é a cidade e ergueram a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, padroeira da cidade.

Três ciclos econômicos marcaram e vivificaram a cidade de Paraty. O ciclo do ouro, no século XIX, tornou o seu porto o segundo mais importante do país, graças a posição geográfica da cidade, caminho estratégico para as Minas Gerais, resultando em um crescimento da população local e na construção dos primeiros sobrados e igrejas.

Com a escassez do ouro, Paraty tornou-se, graças a cana de açúcar, grande produtora de pinga, tanto que o nome da cidade virou sinônimo de bebida e foi consagrado nos versos de Noel Rosa e popularizado na voz de Carmem Miranda:

“ Terra da cachaça

Vestiu uma camisa listrada e saiu por aí

Em vez de tomar chá com torrada ele tomou paraty”

O significado da palavra paraty é “peixe de rio” ou “viveiro de peixe” na língua dos Guaianazes, indígenas que ainda habitam a região, o que é desconhecido pela grande maioria das pessoas que moram e circulam em Paraty.

Novamente o porto da cidade recupera sua importância econômica com o ciclo do café, utilizado para embarcar o produto vindo do Vale do Paraíba.

⁶ Conceito cunhado por Boaventura de Souza Santos.

Com a abolição da escravidão, em 1888, Paraty foi esquecida. Dos seus 16.000 habitantes restaram apenas 600. Na década de 70, com a construção da Rodovia Rio-Santos, Paraty foi redescoberta e inicia-se o seu terceiro ciclo econômico; o turismo.

De 1888 até a década de 70, quase um século, Paraty pouco contato teve com outras localidades, o que permitiu a preservação da memória histórica, dos costumes e principalmente a conservação da arquitetura e do calçamento, o que resulta em um modelo cultural extremamente rico e interessante (Mello, 2004).

Hoje Paraty atrai os olhares do mundo por suas belezas naturais, por sua cultura e diversidade e por um centro histórico que preserva a arquitetura colonial. Estes fatores proporcionam um forte turismo, comércio e o estabelecimento de brasileiros e estrangeiros. Esta mudança em um espaço cronológico de tempo curto, fortaleceu economicamente o local, mas culturalmente e socialmente muito se perdeu.

A maioria das cidades brasileiras, onde o turismo é forte fonte de renda, procura adaptar-se aos padrões internacionais de bens e serviços, mas mantém elementos de sua cultura presentes no dia-a-dia. No Nordeste é bastante comum encontrarmos no comércio produtos que simbolizam as tradições, como o “bumba meu boi”, “sanfoneiros”, “forró”, capoeiristas, terrenos de candomblé, além do filé e da renda.

Nas cidades históricas de Minas Gerais, o comércio gira em torno das comidas típicas e de reproduções artesanais de casarões, igrejas e santos em madeira ou pedra sabão, além do acervo histórico de documentos e registros de personagens que participaram de sua história, uma grande atração turística.

O estado de Goiás, também preserva a sua cultura-tradição no artesanato e culinária, presentes o ano todo e principalmente na Semana Santa, com os personagens do “fogaréu”.

Com certeza, estas regiões também apresentam problemas sociais e culturais, por serem tratadas como produtos em um mercado que objetiva êxito. Porém, a percepção dos viajantes que conhecem estas regiões assinala a forte presença de símbolos e elementos culturais.

Em Paraty, se percorrermos seu centro histórico, encontraremos uma diversidade artística e culinária que representa muito mais a Europa do que a cultura local ou até mesmo nacional. Ou seja, a cidade sofreu um processo de “internacionalização”, por meio

do qual parte da sua cultura- tradição foi substituída por uma cultura exterior e alienígena. A ciranda, lendas como a da Miota, a Catira, a Marrafa, ou as lendas de corsários franceses não fazem parte do imaginário local, pois dificilmente são encontrados. Ao contrário, a maioria dos ateliês trabalham com técnicas e materiais estrangeiros, na maioria franceses e italianos.

O jornalista Vinícius Torres Freire, em matéria na “Folha de São Paulo” do dia de 10 de janeiro de 2005, questiona o fato do grosso do artesanato à venda ser de Bali ou da Índia e continua nada contra a globalização dos bandulaques folk, mas não há tanta ONG de menino pobre artista? Onde estão suas artes? Há tanto objeto lindo dos índios. Ou os índios viraram todos garimpeiros? Os guaranis de Bracuhy são camelôs em Paraty. Os caiçaras, cultura tão interessante como os caipiras de Antonio Candido, são deslocados e favelizados por condomínios e estradas mal planejadas⁷.

A questão do desvirtuamento local em Paraty, ultrapassa o universo cultural e atinge a esfera social, lateralizando grupos de culturas mais sensíveis e menos assistidas pelos poderes públicos. E o contato promovido pode promover reações de desprezo, aversão e agressividade, devido a base na qual se inscreveu sua formação.

4.Comunicação Pública E Município.

A globalização, portanto, provoca um contraponto na relação do local com o global. Por um lado, temos um processo que está enraizado na nova lógica de mercado e que maximizou o campo para novas relações, trocas e se abriu para o novo e diferente. Este processo está consolidado e é inútil opor-se à ele e também esta análise não pretende, de nenhuma forma, defender a idéia de um isolamento ou separatismo cultural.

No entanto, a preocupação com o que é peculiar da cultura de cada local merece uma atenção redobrada, pois como vimos, cultura é identidade e as nossas raízes não podem ser esquecidas. O contrário desta afirmação vai contra qualquer forma de diversidade, termo intrínseco em todas as análises que visam os aspectos positivos da globalização.

Portanto, como harmonizar os conflitos culturais que resultam na perda de espaço e identidade?

⁷ FREIRE, V. T. *Involução Praieira*. Folha de São Paulo. São Paulo, 10 jan. 2005.

Em primeiro lugar, é necessário dizer que cultura e mercado podem ter uma relação saudável quando calibrados pelos poderes públicos. No caso da cidade de Paraty, uma gestão voltada para os problemas da área cultural é vital.

Se os diferentes valores dos públicos de Paraty devem ser compreendidos, para que os direitos culturais sejam respeitados, a comunicação pública, dentro de um leque de possibilidades, pode ser a forma mais coerente na missão de harmonizar estas relações.

A Comunicação Pública utilizada na valorização da cultura local se justifica coerente, porque abarca em sua dimensão a “utilização da comunicação como meio de construção da cidadania”⁸.

Portanto, o trabalho da Comunicação Pública cria canais de entendimento entre os públicos e o Município, promovendo aproximação e conhecimento por meio da informação e favorece o surgimento de um espaço público democrático, onde elementos culturais distintos tenham as mesmas oportunidades de serem vistos e a participação de culturas mais sensíveis seja garantida e valorizada.

Esta análise considera o espaço público como estratégia na consolidação do objetivo proposto, devido a definição de público feita pela filósofa Hannah Arendt e citada pela Professora Luciana Bernardo Miotto, no livro “Comunicação Pública” (2004); “o termo público significa que tudo que vem a ser público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível”⁹.

Outro ponto importante deste livro no capítulo “Comunicação e Espaço Público na Sociedade da Informação”, é a autora considerar o espaço público “que pela ação e discurso, comunica e revela quem realmente somos”, posição bastante próxima da cultura como identidade de um local.

5. Dados Da Pesquisa De Campo Realizada Em Paraty.

Para alcançar os objetivos propostos, o trabalho de pesquisa segmentou-se em três partes. A primeira foi aplicada através de um questionário qualitativo com a Secretaria de

⁸ OLIVEIRA, M. J. C. (Org.). *Comunicação Pública*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2004, p. 189.

⁹ MIOTTO, L. B. *Comunicação e Espaço Público na Sociedade da Informação: Reflexões sobre a Política Contemporânea*. In: OLIVEIRA, M. J. C. (Org.). *Comunicação Pública*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2004, p. 108.

Turismo, Secretaria de Cultura, Biblioteca Municipal, IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e IHAP (Instituto Histórico e Artístico de Paraty). Na segunda parte foram realizadas visitas à comunidade do Quilombo Campinho da Independência, à comunidade de Ilha das Cobras, formada por pescadores, em ateliês e lojas de não paratyenses, à Casa do Artesão (primeiro local destinado pela Prefeitura Municipal para artistas paratyenses) e na Associação de Guias de Paraty. A última parte da pesquisa contou com visita à Casa da Cultura, entrevista com representantes da cultura local: cirandeiros e caiçaras e observação da comunidade indígena. A pesquisa foi realizada no mês Fevereiro, entre os dias quatro e dez.

A coleta de dados da pesquisa resulta em um entendimento de que os elementos culturais da cidade sofrem uma profunda crise diante da posição dos órgãos públicos em não promover um diálogo com os públicos do local, objetivando a preservação da cultura paratyense.

A Secretaria de Turismo ofereceu dados que representam a demografia da cidade parcialmente. A população é de 30.200 habitantes (IBGE) e se estima que por ano a cidade recebe cerca de 200.000 turistas, sendo que 30% são estrangeiros e desse número 50% são franceses. A Secretaria ainda não possui nenhuma ferramenta que possa transmitir esses dados com maior precisão. Não existe um cadastro de novos habitantes e em nenhum projeto há como objetivo contato com os cidadãos de Paraty, apenas realizam eventos que atraem o turismo.

De acordo com os entrevistados, não há uma compreensão por parte das pessoas que migram para o local de como interagir e se posicionar. Exemplos claros que legitimam esta afirmação são: a não obediência às normas do IPHAN que regula as cores que devem ser utilizadas nas fachadas nos casos de reforma e aumento da volumetria das residências do Centro Histórico. Também é possível perceber esta “despreocupação”, através da total descaracterização de uma das casas que compõe o cenário de arquitetura colonial brasileira e o descaso de muitas lojas que, com o objetivo de despertar interesse e chamar a atenção dos turistas, penduram roupas e objetos nas janelas e portas. Na opinião de uma das entrevistadas, o fato é um absurdo, principalmente quando contra as normas do IPHAN, alguns comércios expõem nas fachadas elementos culturais característicos de outros países; “Nada justifica esta moda de se colocar azulejos nas fachadas, aqui não é a França! E ainda

cometem abusos a ponto de colocarem em um casarão que faz parte do Centro Histórico, pintado no azulejo Casa do Xuxu Beleza” e continua dizendo que esta moda nunca fez parte da tradição local e que compromete a arquitetura. Outro item que causa muita indignação é o uso de grandes vasos na entrada de alguns estabelecimentos; “sempre foi tradição em Paraty nos dias de chuva andar sob os beirais das casas, hoje não é mais possível pois algumas pessoas acreditam que estamos na Toscana!”.

O fato da relação entre a Prefeitura e o novo comerciante ser apenas mediante o pagamento da taxa de alvará de funcionamento, potencializa situações como as citadas acima, pois não existe nenhuma orientação e poucos são aqueles que procuram se informar e aceitar as normas do IPHAN. E a falta de comunicação entre Prefeitura Municipal e IPHAN, ocasiona uma não cooperação no processo de fiscalização e atuação nos casos de dano ao patrimônio histórico.

No Instituto Histórico e Artístico de Paraty, o esforço e a preocupação com a cultura local são evidentes tanto na fala dos representantes quanto nas ações culturais que promovem. O Instituto foi fundado em 1976 e realiza o trabalho de arquivamento e pesquisa do acervo histórico escrito e fotográfico. Este material se encontrava em péssimas condições, pois estava abandonado no andar superior do antigo prédio da Prefeitura Municipal e não havia nenhum projeto de restauração, ao contrário, estava em vias de ser destruído.

A partir deste momento, um grupo de pessoas, encabeçados pela senhora Maria José S. Rameck e o senhor Diuner Mello recuperaram o material e iniciaram o processo de restauração que, hoje, conta com o apoio da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O Instituto também realiza pesquisas que resgatam parte da cultura tradicional local, fornecendo material que contribui com a realização de festas e eventos tradicionais como; apresentações de música sacra em conjunto com a Igreja Matriz e festas religiosas que não eram mais lembradas, além de organizarem o livro “Roteiro Documental do Acervo de Paraty 1801 – 1883 junto com a Câmara Municipal.

A Biblioteca Municipal, que também faz parte deste trabalho, conta com uma variedade e qualidade de obras atuais, na maior parte doadas pelo Senhor Fábio Villa Boim.

Apenas o acervo Pinacoteca Dr. Maurino Gouvêa, não está exposto há dois anos por não existir, por parte da Prefeitura, preocupação em disponibilizar um espaço físico.

A dedicação e esforço do Senhor Diuner Mello também resultam em ações que valorizam e colaboram para que a cultura local da cidade seja resgatada e preservada; entre elas a organização do “Alto das Pastorinhas” que mobiliza e interage grande parte da população local, o desenvolvimento de um trabalho de resgate da memória popular, por meio de entrevistas, que são transcritas e arquivadas, com personagens que compõem a história da cidade, formando para o futuro um “caleidoscópio de vivência” e o livro “Roteiro do Visitante – Informativo Turístico e Cultural”.

As visitas realizadas na Segunda parte da pesquisa, diagnosticam a falta de atenção e assessoria do Governo Municipal com as comunidades.

A primeira comunidade visitada foi a Quilombo Campinho da Independência, formada por negros descendentes dos escravos do município de Paraty e titulada em 1999.

Segundo Sinei Barreiros Martins, representante da comunidade, em sua entrevista revela que a outorga de título em 1999, que reconheceu a extensão do território e a comunidade formada por quilombolas, ajudou na recuperação da auto estima, que estava prejudicada, pois não havia espaço em Paraty para que eles se manifestassem. No entanto, logo após a outorga, as atenções do poder público se desviaram, fazendo com que a organização do Quilombo fosse praticada por conta própria. O trabalho para sobreviver e fixar seus moradores foi difícil, pois muitos pensaram em vender parte das terras.

A luta para que o Quilombo prosperasse contou com a participação efetiva da antropóloga Neuza Gusmão, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Por outro lado as dificuldades encontradas acabaram despertando a criatividade e fez com que a Senhora Madalena e o Senhor Valentim, antigo casal da comunidade, iniciassem o trabalho de artesanato, que garante renda à comunidade. Todo trabalho que pretende ser desenvolvido por empresas privadas e institutos de pesquisa passa pela aprovação de toda comunidade e é desenvolvido com diretrizes que não permitem a descaracterização do local e interferências na mentalidade do grupo. O IDACO (Instituto de Desenvolvimento e Ação Comunitária) colabora através de um projeto de plantio do palmito pupunha e de outras árvores originais.

Outra situação que demonstra a preocupação com a preservação e resistência contra interferências estrangeiras foi a comunidade não aceitar a instalação de uma escola municipal em suas terras valiosas, que seria financiada pelos moradores do condomínio de

luxo “Laranjeiras”. De acordo com Sinei de Barros Martins, a escola não atenderia às crianças do Quilombo e o projeto foi oferecido de forma totalmente opressora.

Com a recusa, o Prefeito da gestão anterior cortou as linhas de telefone, rompeu o contrato de compra de oitenta cestas confeccionadas em “tipiti” (espécie de palha) que seriam usadas como cestas de lixo na Casa da Cultura, parou a manutenção das estradas vicinais da comunidade e coleta de lixo e não permitiu a ida de professores à escola local. Entretanto, por esforço da comunidade, as aulas não foram paralisadas, pois entre seus moradores existem professores que se dispuseram a lecionar gratuitamente e o próprio Quilombo se uniu para efetivar todo serviço que deixou de ser prestado.

A comunidade do Quilombo Campinho da Independência, encontrou os mecanismos para preservar a sua cultura e identidade, mas acreditam que se fossem ouvidos e prestigiados tornariam-se mais fortes.

A cultura caiçara no espaço urbano não é identificada sem esforços. Olhando o “pier” percebemos a predominância de barcos de turismo. Hoje, são poucos os pescadores que o utilizam, sendo que muitos já estão mais a serviço do turismo do que da pesca. Na Ilha das Cobras, antes apenas comunidade caiçara, a descaracterização é visível. A pequena faixa de mangue sofre com a poluição e as características urbanas do bairro se assemelham à bairros populares. Algumas comunidades caiçaras como a da Reserva Ecológica de Juatinga e Cairuçu por força da Lei Estadual 1859 de 31 de outubro de 1991, estão preservadas e contemplam a cultura caiçara, pois foi proibida a especulação imobiliária.

As comunidades de Mamanguá, Pouso da Cajaíba já estão sendo vítimas desse tipo de especulação e de posseiros. Na comunidade caiçara de Punta Negra e Sono foi construído um condomínio de luxo que reduziu o espaço territorial dos caiçaras e impede o acesso às praias. Alguns membros da comunidade são empregados desse condomínio com a função de proibir e afastar os pescadores do local, exatamente como Vinícius Torres Freire afirma em seu artigo “Involução Praieira”: “Os caiçaras viram seguranças e atiram nos primos” e ainda “a sujeira vai para o mar. Os pobres para o morro Alguns descem atirando”¹⁰.

Não existem dados precisos do número de caiçaras em Paraty, atualmente está sendo feito um levantamento para determinar quantos são e facilitar o cadastramento para

que recebam o salário defeso, referente aos meses em que a pesca é proibida (de março a maio).

A riqueza cultural de Paraty, tem na comunidade indígena o seu ponto forte. Vê-los vendendo o artesanato nas ruas, ao mesmo tempo que encanta o turista, causa revolta, pois se verifica que estão desprotegidos pelo poder público e a mercê de especuladores. Contam, apenas, com um espaço exíguo na Casa do Artesão para venda de seu artesanato.

Além disso, a maior parte das pessoas, principalmente dos comerciantes, por desinformação, a respeito da cultura e costumes indígenas, sentem-se incomodados e procuram marginaliza-los. Não existe uma informação direta aos turistas sobre os costumes e muitos tratam os “curumins” com a mesma frieza e arrogância com que tratam os menores abandonados dos grandes centros. Em contrapartida, a Casa da Cultura, promove exposições do artesanato dos índios Guarani- Mbyá, o que sem dúvida valoriza-os e fortalece os elementos de sua cultura.

A entrevista com Verino de Barros, famoso cirandeiro de Paraty, foi comovente. As revelações desse senhor mostram quanto a cultura local pode ser sufocada pela cultura importada. Disse que sente-se “esquecido, devorado e que perdeu o sabor da época”. Sente-se muito feliz quando sua arte é lembrada. A Ciranda e a Marrafa, dança e música do Litoral aos poucos estão sendo esquecidas. Em Paraty existiam doze grupos de Cirandeiros, hoje são apenas três, sendo que o mais atuante é o “Coroas Cirandeiros de Paraty”. Esse grupo esforça-se para transmitir a sua arte para as novas gerações, garantindo a preservação da música, mas sem grande sucesso .

A Casa da Cultura de Paraty tem importância fundamental na valorização e divulgação da cultura local. O seu acervo inclui documentos e entrevistas filmadas de pessoas que narram histórias da cidade, das suas festas, de seus problemas fundiários. Esta vasta gama de depoimentos torna possível memorizar a história contada pelo povo. Quem passa pela Casa da Cultura não pode deixar de admirar as cortinas que a decoram, pois são reprodução das telas de um artista local, Julio Paraty, que registrou todas as festas da cidade.

¹⁰ FREIRE, V. T. *Involução Praieira*. Folha de São Paulo. São Paulo, 10 jan. 2005.

O resgate do Sítio Arqueológico Caminho do Ouro, que remonta os séculos XVII e XVIII, trouxe a valorização da memória histórica e por outro lado incrementa o turismo ecológico.

Por fim, o artesanato local, com sua riqueza criativa na confecção de barcos, remos, máscaras e brinquedos de papel *machê*, cestarias de tipiti e, claro, a cachaça artesanal, que merece uma festa anual na cidade. Esse artesanato, entretanto, é ofuscado pelos inúmeros ateliês e lojas que se instalaram na cidade. Merecia ser mais valorizado e ter maior destaque.

6. Ouvidoria Municipal - Zona De Intermediação

As considerações resultantes da pesquisa realizada em Paraty deixam claro a dificuldade de se estabelecer uma visão coerente da expressão cultural da cidade. Além da lateralização cultural que influencia diretamente na condição social, estabelecendo relações de tolerância, que podem ser definidas como negativas ou positivas. Segundo Lofland, “ a tolerância negativa expressa indiferença e distância” e encontra-se em um mesmo espaço, por exemplo a praça pública, ou seja é uma relação de “indiferença civil”. A relação de tolerância positiva “enuncia uma apreciação favorável das diferenças e promove situações de reconhecimento e de interação social”¹¹.

A necessidade de políticas que promovam interação e, consequentemente, a “tolerância positiva” são vitais para esta tentativa de revitalização cultural das cidades. É preciso reafirmar que uma cultura é fortalecida e valorizada a partir do momento em que suas demandas são ouvidas pelos poderes públicos. Por esta razão, o sentido de planejamento cultural das cidades deve ser de uma conferência alargada de consulta e participação de decisores políticos, cidadãos, agentes e criadores culturais, mas também grupos e associações que possam acautelar o desenvolvimento cultural das cidades com requisitos da moderna cidadania¹².

A função da Comunicação Pública no Município, integrada a um modelo de ouvidoria, neste contexto de redinamização cultural, equacionaria as condições de vida pública nas cidades, promovendo maior interação e participação, menor desigualdade e mais tolerância frente às diversidades culturais. Como resultado, o contato promovido

¹¹ LOFLAND, Lyn citada por FORTUNA, Carlos; SILVA, A. S. A Cidade do lado da Cultura: Espacialidade Sociais e Modalidades de Intermediação Cultural. In: SANTOS, B. S.(Org.): *A Globalização e as Ciências Sociais*. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2002, p. 531.

estabeleceria uma parceria entre o público e o privado, extremamente importante para centralidade cívica e revitalização do *ethos* da cidade.

Entendemos que o uso da Comunicação Pública dentro da estrutura da Ouvidoria Municipal é condição para este trabalho, que deve ser uma prática regular e atenta à diversidade cultural, ou seja, conhecedora dos públicos envolvidos. É necessário estabelecer que a realização deste trabalho não pode, sob nenhuma forma, se sustentar na “espetacularização” e “estetização”¹³ da cidade, pois dessa forma, podem provocar o desvirtuamento do local ou passar a ser um dispositivo de legitimação político-partidária das atuações dos autarcas (Camilo,1999).

7. Considerações Finais

A importância da valorização da cultura local diante de um mundo globalizado é a preservação da identidade.

Estabelecer canais de comunicação para que a compreensão dos diferentes valores de um local seja efetiva e, dessa forma, haja tolerância positiva e relações amplas entre os públicos é função do poder público. Mesmo porque a lateralização de culturas mais sensíveis transforma o panorama social, aumentando os risco de desigualdade e segregação.

Redinamizar os espaços em que o global faz um contraponto com o local, por meio do trabalho de Comunicação Pública dentro da Ouvidoria Municipal, impede o desvirtuamento e a sensação de inferioridade do nativo. Todos os naturais de Paraty que foram entrevistados responderam com unanimidade que se suas demandas fossem ouvidas seriam fortalecidos e teriam mais facilidade de criar espaços de preservação de sua arte e tradição.

A perda da identidade cultural pode esvaziar o homem, torná-lo “oco” sem motivação para transmitir seus valores.

Acreditamos que o empenho da Comunicação Pública na criação de um espaço onde a diversidade cultural sofra ação humanizadora e os indivíduos assumam o papel de

¹² FORTUNA, Carlos; SILVA, A. S. A Cidade do lado da Cultura: Espacialidade Sociais e Modalidades de Intermediação Cultural. In: SANTOS, B. S.(Org.): *A Globalização e as Ciências Sociais*. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2002, p. 465.

¹³ FORTUNA, Carlos; SILVA, A. S. A Cidade do lado da Cultura: Espacialidade Sociais e Modalidades de Intermediação Cultural. In: SANTOS, B. S.(Org.): *A Globalização e as Ciências Sociais*. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2002, p. 464.

co-legisladores do Estado (Habermas,2004) é fundamental para a revitalização do *ethos* local. Pois, a unidade entre teoria e *práxis* inserida neste modelo de comunicação atribui aos cidadãos do local atitudes cognitivas (Habermas,2004) no convívio entre si.

Referência Bibliográfica

CASCUDO, L.C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*.10.ed: São Paulo: Editora Global,2001.

CESNIK, F.S.; BELTRAME, P.A. *Globalização da Cultura*. Barueri, SP: Editora Manole,2005.

FORTUNA, Carlos; SILVA, A. S. A Cidade do lado da Cultura: Espacialidade Sociais e Modalidades de Intermediação Cultural. In: SANTOS, B. S.(Org.): *A Globalização e as Ciências Sociais*. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

FREIRE, V.T. *Involução Praieira*. Folha de São Paulo. São Paulo.10jan.2005.

GILES, T.R. *Dicionário de Filosofia: Termos e Filósofos*. São Paulo: EPU,1993.

HABERMAS,J. *Análise da Nova Ordem Política e Cultural do Ocidente*. Folha de São Paulo. São Paulo.24abr.2005.

LARAIA, R.B. *Cultura um Conceito Antropológico*.9.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,1993.

MELLO, D. *Paraty: Roteiro do Visitante*.2.ed. Paraty, RJ.

MIOTTO,L. *Comunicação Pública na Sociedade da Informação* in OLIVEIRA, M.J.C.(Org.). *Comunicação Pública*. Campinas, SP: Editora Alínea,2004. (Coleção Comunicação, Cultura e Cidadania)

OLIVEIRA, M.J.C.(Org.). *Comunicação Pública*. Campinas, SP: Editora Alínea,2004. (Coleção Comunicação, Cultura e Cidadania)

RAMECK, M.J.S.; MELLO, D. *Roteiro Documental do Acervo Público de Paraty*. Câmara Municipal de Paraty, Instituto Histórico e Artístico de Paraty. Guaratinguetá, SP: Editora Dias,2004.

RIBAS, M.C. *A História do Caminho do Ouro*.3.ed. Paraty, RJ: Contest Produções Culturais,2003.

SANTOS, B.S.(Org.). *A Globalização e as Ciências Sociais*.2.ed. São Paulo: Editora Cortez,2002.

WARNIER, J.P. *A Mundialização da Cultura*. São Paulo: Edusc,2000.